

MANUSCRITO: <u>CONTOS</u>
TÍTULO: <u>ESTUDOS DE PERSONAGENS-I.</u>
TOTAL DE PÁGINAS: <u>003</u>
DATA: <u>01/01/1975</u>

ESTUDOS DE PERSONAGENS = I

Arilena foi uma espécie assim de sonho pra um momento em que eu não esperava realizar qualquer sonho da minha vida. Arilene era um mito muito bem elaborado por um dos personagens que existem dentro de mim, Hyde, quando súbitamente apareceu nas fronteiras reais de meu universo. Veio de Tres Lagoas, uma cidade que fica no sul de Mato Grosso, e de onde eu nunca esperava que ela saísse um dia. Nisto justamente é que residia o meu amor por ela. Porque era ela o Algo Inatingível, o sonho supremo de emburguesamento que todo intelectual que se preze tem.

Mas ela apareceu, e nós fomos passar alguns dias juntos na casa de campo de uma amiga minha. Dormimos em quartos separados, toquei só levemente e a contragosto dela no seio, para beija-la foi um sacrifício acima de quaisquer forças normais. Por tudo isto Arilene desmorpnou-se e caiu, embora ela não saiba disto, embora eu apenas tenha dito a ela que sua presença perceptível era um sonho que se realizava.

Arilene já deve ter voltado para sua terra natal, levando seus belos cabelos negros, seus olhos grandes, sua capacidade infinita de mudar de rostos de acordo com as circunstâncias. Quantas pessoas diferentes eu vi em Arilene! No entanto, era ela apenas uma mulher, não tinha contradições, não se perguntava nada apesar de seu nível cultural um pouco mais elevado com relação ao padrão de sua cidade. Não, ela nunca soube nem saberá

a gama tão infinita de personagens e egos que possui, porque só eu soube disto, só meus olhos foram capazes de olhá-la como sempre mereceu ser olhada. Entretanto, Arilene não desconfia de nada. Ao seu ver, não passa de uma mulher do interior, rejeitando os costumes e as lucuras da cidade, conservando em si aquela selvageria que lhe permite aproximar-se das outras pessoas sem qualquer arma na mão, ao mesmo tempo em que se cobre toda, conserva os conceitos arraigados de uma pseudo-classe a qual não pertence mas que assimilou suas contradições e suas proibições sem nunca ter-se dado ao trabalho de se perguntar porque.

Foi isto que me decepcionou em Arilene. Decepcionar é uma palavra muito forte, porque na realidade eu devia esperar dela exatamente o que ela me deu. Talvez na noite em que ela chegou, junto com o murmúrio de um telefone público, quem estava de plantão dentro de meu corpo era Mr. Jekyll, o imperdoável crítico da alma humana, com sua imensa poesia no conceituar e na sacação do que acontece, mas com sua total frieza no espírito de análise.

Na noite de despedida, depois de ouvirmos discos juntos olhando o mar, depois de eu haver bebido um pouquinho contrariando meus planos de sobriedade e mínima intoxicação, eu sentei-a na beira de minha cama, pedi para que ficasse pelo menos aquela noite comigo, eu não iria lhe fazer nada, só queria estar perto dela porque podia ser que quando ela partisse eu só tornasse a vê-la muitos e muitos anos depois. Mas ela negou-se, porque é proibido, e ela levou suas proibições até aquele fim de mundo onde nós estávamos. Eu tinha andado muito só por muitos meses,

numa incasável e sofrida procura de alguém a quem pudesse dar o meu amor, mas não havia encontrado. Eu estava exausto. Caminhava pela linha do trem pensando nisto, sentava-me nas pedras pensando nisto, olhava o sol nascer pensando nisto. Exausto sim.